

**USO DE MÉTODOS BIOMÉDICOS DE PREVENÇÃO AO HIV ENTRE
MULHERES CIS E TRANS: UM ENSAIO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DA PrEP**

***Use of biomedical HIV prevention methods among cis and trans
women: a bibliographic PrEP-based essay***

***Uso de métodos de prevención biomédica del VIH entre mujeres
cis y trans: un ensayo bibliográfico a partir de la PrEP***

Catarina Valentim Vieira da Motta

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)

E-mail: catarinamotta.uerj@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1962-1726>

Ivia Maksud

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)

E-mail: iviamaksud@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3465-151X>

Claudia Mercedes Mora Cárdenas

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: claudiamoraca@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4854-3429>

Áltera, João Pessoa, Número 21, 2026, e02103, p. 1-36

ISSN 2447- 9837



Resumo:

A profilaxia pré-exposição (PrEP) é um método de prevenção biomédico disponível no SUS que consiste no uso oral de antirretrovirais para reduzir o risco de transmissão do HIV. Atualmente, seu uso não é restrito às “populações-chave”, podendo ser indicada para pessoas a partir de 15 anos, com peso igual ou superior a 35 kg e em contexto de vulnerabilidade à infecção. Ao longo dos anos, documentos normativos incluíram homens que fazem sexo com homens, casais sorodiscordantes, pessoas trans, travestis e profissionais do sexo nessas classificações. Considerando essas variabilidades, este ensaio bibliográfico busca compreender e problematizar como mulheres cisgênero e transgênero têm conhecido, acessado e utilizado esse método de prevenção. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica com artigos qualitativos nacionais e internacionais, além de dissertações e teses brasileiras. A produção disponível evidencia que a baixa ou nenhuma utilização da PrEP por mulheres cis está relacionada a fatores como baixo risco percebido de HIV, desconhecimento do status sorológico do parceiro, violência por parceiro, falta de informação e acesso, além de fatores estruturais como racismo e opressão de gênero. As mulheres trans enfrentam desafios de acesso, principalmente ligados ao estigma e à discriminação. Observamos ainda sub-representação desse grupo na produção científica em comparação aos homens. Consideramos que marcadores sociais como raça, classe, geração, gênero e sexualidade influenciam o conhecimento, acesso e uso da PrEP, tanto para mulheres cis quanto trans.

Palavras-chave:

Profilaxia pré-exposição. HIV/Aids. Prevenção. Mulheres cisgênero. Mulheres transgênero.

Abstract:

Pre-exposure prophylaxis (PrEP) is a biomedical prevention method available in the Brazilian Unified Health System (SUS) that consists of the oral use of antiretroviral drugs to reduce the risk of HIV transmission. Currently, its use is not restricted to “key populations,” and it can be indicated for people aged 15 and older, weighing 35 kg or more, and in a context of vulnerability to infection. Over the years, normative documents have included men who have sex with men, serodiscordant couples, transgender people, transvestites, and sex workers in these classifications. Considering these variations, this bibliographic essay seeks to understand and problematize how cisgender and transgender women have known, accessed, and used this prevention method. To this end, a literature review was conducted using national and international qualitative articles, as well as Brazilian dissertations and theses. The available research



shows that low or no PrEP use by cisgender women is related to factors such as low perceived risk of HIV, lack of knowledge of serologic partner status, partner violence, lack of information and access, as well as structural factors such as racism and gender oppression. Transgender women face access challenges, mainly related to stigma and discrimination. We also observed underrepresentation of this group in scientific production compared to men. We consider that social markers such as race, class, generation, gender, and sexuality influence the knowledge, access, and use of PrEP, for both cisgender and transgender women.

Keywords:

Pre-exposure prophylaxis. HIV/AIDS. Prevention. Cisgender women. Transgender women.

Resumen:

La profilaxis preexposición (PrEP) es un método de prevención biomédica disponible en el Sistema Único de Salud (SUS) de Brasil que consiste en el uso oral de fármacos antirretrovirales para reducir el riesgo de transmisión del VIH. Actualmente, su uso no se restringe a “poblaciones clave” y puede estar indicado para personas de 15 años o más, con un peso de 35 kg o más, y en un contexto de vulnerabilidad a la infección. A lo largo de los años, los documentos normativos han incluido en estas clasificaciones a hombres que tienen sexo con hombres, parejas serodiscordantes, personas transgénero, travestis y trabajadores sexuales. Considerando estas variaciones, este ensayo bibliográfico busca comprender y problematizar cómo las mujeres cisgénero y transgénero han conocido, accedido y utilizado este método de prevención. Para ello, se realizó una revisión de la literatura utilizando artículos cualitativos nacionales e internacionales, así como tesis y disertaciones brasileñas. La investigación disponible muestra que el bajo o nulo uso de PrEP por parte de mujeres cisgénero se relaciona con factores como la baja percepción del riesgo de VIH, el desconocimiento del estado serológico de la pareja, la violencia de pareja, la falta de información y acceso, así como con factores estructurales como el racismo y la opresión de género. Las mujeres transgénero enfrentan dificultades de acceso, principalmente relacionadas con el estigma y la discriminación. También observamos una subrepresentación de este grupo en la producción científica en comparación con los hombres. Consideramos que marcadores sociales como la raza, la clase social, la generación, el género y la sexualidad influyen en el conocimiento, el acceso y el uso de PrEP, tanto para mujeres cisgénero como transgénero.

Palabras-clave:

Profilaxis preexposición. VIH/SIDA. Prevención. Mujeres cisgénero. Mujeres transgénero.



Considerações iniciais

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, também conhecida como Acquired Immunodeficiency Syndrome (Aids), teve seus primeiros casos registrados no Brasil no começo da década de 1980. Os reportados pela imprensa eram descritos como sendo pessoas que haviam viajado para o exterior (principalmente aos Estados Unidos), pertencentes à classe média e homossexuais (Galvão, 1985). No início da epidemia, o termo “doença dos ‘5H’” — “homossexuais, heroinômanos (usuários de heroína injetável), hemofílicos, haitianos e hookers (trabalhadores do sexo)” — produziu uma representação da Aids calcada em uma orientação sexual (homossexual), um viés de raça/etnia (negritude e latinidade) e um gênero (masculino) (Cazeiro; Leite; Costa, 2023).

Antes dos anos 1990, a epidemia já avançava entre grupos socialmente vulnerabilizados, como os mais pobres, as mulheres, os negros e os jovens (Ayres *et al.*, 2009). Porém, foi a incorporação do quadro da vulnerabilidade e dos direitos humanos, sistematizado inicialmente por Mann e Tarantola (1996), na resposta nacional à Aids que contribuiu substancialmente para a visibilização desses grupos e suas necessidades. A evidência do crescimento de casos de HIV e Aids entre mulheres nos anos 1990 foi caracterizada como uma “feminização” da epidemia. O preservativo interno começou a ser distribuído pelo SUS nos anos 2000, dentre outras medidas, visando seu acesso gratuito e a promoção de um método de prevenção que promovesse autonomia às mulheres sobre seus corpos e suas decisões, possibilitando dessa forma práticas sexuais mais seguras (Kolling; Oliveira; Merchán-Hamann, 2021).

A vulnerabilidade compreende três dimensões: a individual, a social e a programática. As análises que atentam para as sinergias entre estas dimensões têm contribuído significativamente para a identificação de contextos sociais que tornam as pessoas e grupos mais ou menos suscetíveis à infecção pelo HIV/Aids (Ayres, 2003). O conceito convida a pensar nos marcadores sociais que atravessam o indivíduo a partir do contexto em que está inserido, como questões de gênero, classe, raça/cor, entre outras. Além de analisar as características individuais e os contextos sociais, as análises ancoradas no quadro da vulnerabilidade e dos direitos humanos também atentam para os programas e políticas de saúde, refletindo como esses elementos podem potencializar a vulnerabilidade das pessoas e das comunidades.

O HIV/Aids ainda constitui um grave problema de saúde pública. Em 2023, cerca de 39,9 milhões de pessoas viviam com HIV em todo o mundo. Ainda nesse ano, cerca de 1,3 milhão de pessoas representaram novas infecções por HIV e 630 mil morreram de doenças relacionadas à Aids (OMS, 2025). No Brasil, em relação às mulheres cis, os casos distribuíram-se em 64,2% entre mulheres de raça/cor negra (50,2% pardas



e 14% pretas) e 29,7% brancas. A ocorrência de novas infecções pelo HIV em mulheres em idade reprodutiva (15 a 49 anos) representou 77,7% do total do sexo feminino. Observamos também um aumento significativo no percentual de casos entre mulheres com 50 anos ou mais, que passou de 12,8% em 2013 para 21,1% em 2023 (Brasil, 2024).

As mulheres trans e travestis também representam um grupo fortemente afetado pelo HIV. No mundo, estudos estimam que a prevalência de HIV entre elas é de 19,9%, com uma chance 66 vezes maior de infecção pelo vírus. No Brasil, pesquisas apontam que as prevalências de HIV podem variar de 12% a 31,2%. Esses números são superiores às prevalências de HIV em outros grupos no Brasil, como o de gays e outros homens que fazem sexo com homens, de mulheres trabalhadoras do sexo e pessoas que usam drogas (Brasil, 2024).

No escopo da abordagem preventiva em vigor, denominada por agências internacionais como Prevenção Combinada, a profilaxia pré-exposição (PrEP) vem sendo objeto de significativos investimentos públicos e privados. A PrEP consiste no uso oral de antirretrovirais em dose fixa combinada (tenofovir/entricitabina) para reduzir o risco da transmissão do vírus da imunodeficiência humana (HIV). No Brasil, existem duas modalidades de PrEP oral, a diária e a sob demanda. A PrEP diária consiste na ingestão de 2 comprimidos de TDF/FTC no primeiro dia, seguidos de 1 comprimido diariamente. Já a PrEP sob demanda consiste no esquema denominado “2 + 1 + 1”, significando uma dose inicial de 2 comprimidos de 2 a 24 horas antes da relação sexual, seguida de 1 comprimido 24 horas após a dose inicial e 1 comprimido 24 horas após a segunda dose. Os grupos para os quais é recomendada a PrEP sob demanda são: homens cis heterossexuais, bissexuais, gays e outros homens cis que fazem sexo com homens, pessoas não binárias designadas como do sexo masculino ao nascer e travestis e mulheres transexuais que não estejam em uso de hormônios à base de estradiol. As mulheres cis não têm indicação devido a estudos que apontam a baixa presença do medicamento no organismo (PCDT PrEP, 2025). Segundo a nota técnica N° 8/2023-CGAHV/.DCCI/SVS/MS, a PrEP sob demanda “não é recomendada” para esse grupo segundo as evidências de “segurança e eficácia”.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou também a PrEP injetável com a medicação lenacapavir, com indicação de uso para adultos e adolescentes a partir de 12 anos com peso mínimo de 35 kg, que estejam sob risco de contrair o vírus. Entretanto, a medicação ainda não está disponível no Brasil, seja através do SUS ou do setor privado (Anvisa, 2026).

O Ministério da Saúde estabelece as normativas e recomendações da PrEP através do Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT), o qual tem sofrido diversas alterações em função dos avanços no plano clínico bem como no investimento

na sua oferta pública no Brasil, em especial, como explanaremos a seguir.

No início da implementação da PrEP (Brasil, 2017), a lógica da gestão federal seguia as classificações cunhadas pelas agências internacionais para delimitar os sujeitos da estratégia. Assim, as pessoas que utilizavam PrEP eram definidas como “populações-chave — pessoas trans, prostitutas e homens que fazem sexo com homens” e “casais sorodiscordantes heterossexuais”. No PCDT PrEP de 2017, determinados segmentos populacionais, devido a vulnerabilidades específicas, eram considerados sob maior risco de infecção pelo HIV, em diferentes contextos sociais e tipos de epidemia. Por estarem sob maior risco, essas populações são consideradas alvo prioritário para o uso de PrEP.

No PCDT PrEP de 2025, os indicativos de risco para o HIV e uso da PrEP foram considerados os seguintes: repetição de práticas sexuais anais e/ou vaginais com penetração sem o uso de preservativo; frequência das relações sexuais com parcerias eventuais; quantidade e diversidade de parcerias sexuais; histórico de episódios de infecções sexualmente transmissíveis (IST); busca repetida por profilaxia pós-exposição (PEP); contextos de troca de sexo por dinheiro, objetos de valor, drogas, moradia etc. (PCDT PrEP, 2025).

No PCDT PrEP de 2022, foi incluído entre os indicativos de vulnerabilidade ao HIV o “Chemsex”, prática sexual sob a influência de drogas psicoativas (metanfetaminas, gama-hidroxibutirato – GHB, MDMA, cocaína, poppers). O PCDT de 2022 (diferente da versão publicada em 2017), preconiza que a profilaxia não tem indicação restrita às “populações-chave”, logo pode ser indicada para todas as pessoas a partir de 15 anos, com peso corporal igual ou superior a 35 kg e que estejam em “contexto de vulnerabilidade para a aquisição da infecção pelo HIV” (PCDT PrEP, 2022).

Em 2025, o Ministério da Saúde atualiza mais uma vez o PCDT PrEP, sugerindo uma maior ampliação do público da estratégia. O documento de 2017 não contemplava as mulheres cis, exceto se fossem “profissionais do sexo”, mas o protocolo de 2025 passou a, com base em determinadas evidências. Em consequência, com mudanças na redação que ampliaram sua visibilidade. O documento incorpora dados de um estudo que analisou a relação entre adesão e efetividade da PrEP nas mulheres cis, mostrando que, com o uso de 7 comprimidos por semana, não foram registrados casos de HIV. Já entre aquelas com adesão de 4 a 6 comprimidos semanais, a incidência de HIV foi apenas 13% maior (Marazzo et al., 2024). O documento explicita também que a PrEP não afeta a eficácia dos contraceptivos e repositores hormonais.¹

¹ Em relação à hormonização feminilizante, em uma análise sobre infecção pelo HIV no âmbito do estudo “iPrEX” em mulheres trans em uso de PrEP oral diária, não se observou infecção pelo HIV quando detectados níveis sanguíneos dos medicamentos compatíveis com a ingestão de quatro ou mais doses de PrEP semanais. Tais dados corroboram a segurança do uso da PrEP em mulheres e homens trans, mais adiante oferecemos alguns detalhamentos sobre tal estudo.

O PCDT PrEP de 2025 ressalta que a prevalência de HIV é fortemente determinada por fatores sociais, como a vivência de situações de homofobia, transfobia, racismo, sexismo e outras formas de violência e vulnerabilização social. Os determinantes sociais da saúde abrangem aspectos demográficos, etários, econômicos, educacionais e culturais. Nesse contexto, a interação de múltiplos fatores que resultam na “invisibilidade” ou na marginalização social faz com que esses grupos populacionais enfrentem diversos entraves no acesso a ações e serviços de saúde voltados à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento do HIV, ampliando ainda mais sua condição de vulnerabilidade. Além disso, algumas práticas sexuais que envolvem maior chance de aquisição do vírus foram inseridas, como por exemplo sexo anal receptivo (receber penetração no ânus), sexo anal insertivo (penetrar o ânus), sexo vaginal receptivo (receber penetração na vagina) e sexo vaginal insertivo (penetrar a vagina). Outras atualizações do PCDT de 2022 para o de 2025 referem-se a procedimentos que buscam simplificar o cuidado em PrEP e favorecer sua ampliação no âmbito do SUS.²

Em sua tese, Fernando Joaquim da Silva Junior (2025) argumenta que a articulação entre “fatores sociais” e “fatores biológicos” contribuiu para que a PrEP fosse inicialmente considerada inelegível para mulheres cisgênero nos primeiros PCDTs no Brasil. Ele analisa em sua tese dados provenientes de ensaios clínicos internacionais que avaliaram a eficácia e a segurança da PrEP em suas diferentes formas (oral, tópica e injetável). Em sua análise, destaca que houve uma seleção específica dos corpos a serem estudados, bem como das regiões onde essas tecnologias foram testadas. Segundo o autor, a divulgação dos resultados de estudos como VOICE e FEM-PrEP, conduzidos em países da África Subsaariana, influenciou a definição de quem “deve” ou “não deve” utilizar o medicamento, reforçando e reproduzindo determinadas categorias epidemiológicas e demográficas. Apesar do relato de alta adesão, observou-se uso inadequado da PrEP, atribuído pelos pesquisadores à suposta falta de sinceridade das participantes, o que acabou por responsabilizá-las pela baixa eficácia. Estudos mais recentes destacam o estigma (especialmente o medo de serem associadas como “soropositivas”) como fator central para a baixa adesão entre mulheres

2 Outras atualizações do PCDT de 2022 para o de 2025 referem-se aos seguintes procedimentos, os quais buscam simplificar o cuidado em PrEP e favorecer sua ampliação no âmbito do SUS: possibilidade de utilização do autoteste de HIV para seguimento clínico da PrEP; possibilidade de início de PrEP por meio de teleatendimento; disponibilização pelo SUS e indicação da vacina contra o papilomavírus humano (HPV) para pessoas em uso de PrEP; dosagem de creatinina para início e manutenção da PrEP conforme a faixa etária; definição do tempo necessário para proteção segura da PrEP; definição do tempo necessário para interrupção segura de PrEP; oferta da modalidade “sob demanda” da PrEP oral para grupos específicos; ampliação entre os intervalos das consultas para até 120 dias. O Ministério da Saúde também tem promovido a diversificação da oferta da profilaxia, especialmente na Atenção Primária à Saúde (APS), via teleatendimento — TelePrEP — através de ações extramuros, ou seja, fora do contexto das unidades de saúde. Todas essas ações encontram barreiras nas práticas e lógicas cotidianas dos SUS, que possuem diferentes configurações de redes de saúde.

cis em países africanos.

Durante a trajetória do PCDT PrEP, que teve sua primeira versão publicada em 2017, as orientações às mulheres cis para utilização da PrEP se deram em casos de parcerias sorodiscordantes, principalmente durante a gestação e amamentação, ou entre mulheres profissionais do sexo. No referido protocolo, somente as mulheres trans e travestis são mencionadas, já as versões de 2022 e 2025 enfatizam a eficácia e segurança de PrEP para mulheres cis. Além disso, os documentos reforçam a necessidade das redes de saúde eliminarem as barreiras de acesso a todas as pessoas em contexto de vulnerabilidade para a aquisição da infecção pelo HIV, de modo a acolhê-las na sua integralidade e individualidade, na garantia de seus direitos à saúde de qualidade.

Dados do painel de monitoramento da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) (2026) sugerem que as mulheres cis constituem 6,6% das pessoas que utilizam PrEP, já as mulheres trans constituem apenas 2,6%. No que se refere à descontinuidade do uso da PrEP, em um total de 65.503 usuários, as mulheres cis representam 54% e as mulheres trans 39%. Os desafios da expansão das profilaxias preventivas no Brasil aumentam frente às disparidades no acesso, inclusive após o período da pandemia da covid-19. O predomínio do uso da PrEP entre homens gays e bissexuais com alta/média renda e escolaridade contrasta com a reduzida demanda de populações igualmente vulneráveis ao HIV, como mulheres trans, trabalhadoras sexuais, adolescentes, gays/HSB de baixo poder aquisitivo e de cor parda e preta (Brasil, 2025).

O campo biomédico realiza uma leitura apressada ou linear dos fenômenos sociais, dentre eles os de saúde e também a sexualidade, considerando apenas as práticas sexuais para a construção das estratégias de prevenção. A literatura antropológica pode contribuir para compreender tanto a epidemia de HIV/Aids quanto suas estratégias de prevenção, apontando para mudanças nos entendimentos da sexualidade dos sujeitos e para a intensificação de campos de disputas na produção de novas relações (Euzébio, 2023). No caso específico da PrEP, autores têm investigado discursos, olhares, perspectivas, documentos programáticos e sobretudo os contextos socioculturais que dão sentido a ideias e concepções sobre a PrEP (Brigeiro e Monteiro, 2023; Oscar, 2019).

À luz do panorama apresentado, emerge uma indagação que, embora não constitua o objeto central deste manuscrito, instiga-nos à reflexão: essa tecnologia tem sido pensada para que tipo de sujeitos, práticas sexuais, sociais, e concepções preventivas? Considerando recortes possíveis para contribuir com esta agenda de pesquisa, o objetivo desse texto é compreender como mulheres cisgênero e transgênero — que conformam grupos minoritários em relação a esses sujeitos — têm

conhecido, acessado e utilizado a PrEP.

Ensaçando com a PrEP

Adotamos o desenho de ensaio bibliográfico (Gomes, 2021, 2022), compreendido como um exercício crítico de investigação, de caráter exploratório, voltado à análise de um tema ou objeto de reflexão, com o objetivo de propor uma nova perspectiva sobre um determinado assunto, qual seja, discutir como mulheres cis e trans experienciam essa tecnologia, a partir de seu acesso e uso. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica, considerando artigos com abordagem qualitativa nacionais e internacionais, e expandimos o levantamento para dissertações e teses realizadas no Brasil. Tal operação visou possibilitar, através de diferentes encadeamentos e fontes, uma interpretação sobre a experiência de mulheres cis e trans acerca do acesso e uso da PrEP.

A revisão contemplou artigos com abordagem qualitativa publicados entre 2014 e 2024 nos bancos de dados da Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS), SciELO e Oasis.br. Foram utilizados os descritores “PrEP” AND “Mulheres”; “HIV” AND “PrEP” AND “Mulheres”. Foram utilizados como filtros os idiomas português e inglês. Excluímos artigos que abordavam somente participantes ou interlocutores do gênero masculino e aqueles que abordavam os efeitos e/ou funcionamento dos fármacos. Foram encontrados, inicialmente, 1.855 artigos, sendo 493 excluídos por estarem duplicados. Após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos mais 1.332 artigos, restando 30 artigos. Destes, após leitura na íntegra, foram selecionados 19 artigos (quadro 1).

Embora a busca tenha sido direcionada a artigos com enfoque em mulheres, a maioria dos artigos encontrados focavam nos homens que fazem sexo com homens. Percebemos uma escassez de estudos voltados para as mulheres cisgênero quando se trata do uso da PrEP. Somente 3 dos 19 artigos mencionavam mulheres cis e 4 artigos não fizeram a distinção entre cisgeneridade e transgeneridade. Portanto, juntando as mulheres num grupo só, grande parte dos estudos estavam voltados para mulheres transgênero, seja de forma exclusiva ou em conjunto com outros grupos.

Dos 19 artigos encontrados, somente 5 foram realizados no Brasil. Grande parte dos estudos foram realizados nos Estados Unidos, além de outros países como África do Sul, Malawi, Peru, China e Índia.

Com o intuito de ampliar a discussão, fizemos também um levantamento de teses e dissertações relacionadas à temática nas áreas de antropologia e outras ciências humanas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Google Acadêmico. Para essas buscas, trabalhamos com as seguintes palavras-chave:



“HIV” e “Prevenção” e “Mulheres”; “PrEP para HIV” e “Mulheres trans” (quadro 2).

Os resultados encontram-se organizados e discutidos em três eixos principais: uma apresentação geral da literatura; estudos sobre mulheres trans e o uso da PrEP; e estudos sobre mulheres cis e o uso da PrEP. Para a discussão, mobilizamos outras referências, além dos artigos, dissertações e teses levantadas. Incorporamos às nossas buscas dissertações e teses socioantropológicas sobre experiências de uso da PrEP no Brasil — em sua maioria entre homens cis — que, ao lado da literatura já consagrada sobre HIV/Aids, contribuíram para fundamentar a análise crítica desse material. Sempre que oportuno também trouxemos para o diálogo documentos programáticos orientadores da PrEP no Brasil.

Uma aproximação à literatura socioantropológica sobre a PrEP enquanto processo social

O preservativo externo, também conhecido como masculino, se popularizou ao longo dos anos e foi considerado um grande aliado na prevenção ao HIV/Aids no país. Entretanto, a ideia da utilização do preservativo como único método para o sexo seguro foi significativa em termos práticos e simbólicos até o início dos anos 2000. Nos anos mais recentes, a convergência entre conservadorismo, apagamento da educação sexual e escassez de investimentos na comunicação pública em torno do preservativo tem contribuído para seu abandono ou desconhecimento entre jovens e adolescentes (Paiva *et al.*, 2019).

A PrEP constitui um método de prevenção que não envolve necessariamente a participação de outras pessoas na decisão sobre seu uso, significando um controle individual do acompanhamento clínico e uma certa gestão dos graus de risco envolvidos nas práticas sexuais. No caso da PrEP oral, a utilização do medicamento preventivo implica a ação individual do consumo diário da pílula, que evoca um sujeito racional, responsável por si. A PrEP é anunciada por uma rede de agências internacionais, organizações filantrópicas e redes de pesquisa como uma saída eficiente e factível em relação a fatores socioeconômicos por funcionar ora de maneira particular ora no serviço de saúde gratuito (Oscar, 2019).

É importante ressaltar que a efetividade dessa tecnologia biomédica não depende somente da sua eficácia farmacológica, mas de várias outras condições como: conhecimento e adesão ao uso pelas populações mais vulneráveis, redução de estigma e vulnerabilidade, bem como conhecimento e atitude dos profissionais de saúde nos locais em que a PrEP está disponível (Gomes, 2023; Mora e Monteiro, 2025).

Em sua dissertação, Euzébio (2023) enfatiza o aspecto revolucionário da PrEP, mencionado em diversos momentos por seus interlocutores, a partir da possibilida-

de de não precisarem mais abdicar dos prazeres sexuais em detrimento do medo e das premissas preventivas. A PrEP abre espaço para novas dinâmicas nas relações sexuais, mas também pode reforçar estigmas e preconceitos ao ser frequentemente associada à promiscuidade ou a formas de sexualidade consideradas “irresponsáveis” nos contextos sexuais contemporâneos.

Pensando em narrativas que constroem noções sobre a PrEP e na ideia de prazer, Euzébio (2023) narra a utilização de grupos em redes sociais que compartilham informações e experiências sobre o uso da PrEP. O julgamento sobre a vida sexual alheia e o “slut-shaming” são proibidos nesses grupos. A expressão “slut-shaming” é traduzida do inglês para o português como uma forma de agressão baseada na ridicularização ou difamação de alguém a partir das roupas, comportamentos e manifestações sexuais vistas como impróprias pela sociedade, voltada principalmente para as mulheres.

Carvalho Júnior (2020) indaga, em sua dissertação, se a busca pela PrEP trazia segurança a seus interlocutores (HSH) para vivenciar os seus prazeres e atenuar o “perigo” dentro das suas relações sexuais. Apesar de as tecnologias de prevenção relacionadas à epidemia de HIV/Aids terem avançado, representações de estigma e preconceito características do início da epidemia são acionadas toda vez em que políticas de prevenção são colocadas em prática (Euzébio, 2023; Carvalho Júnior, 2020).

A aceitabilidade de uma tecnologia de prevenção ao HIV depende das percepções dos indivíduos frente ao método e está associada aos diferentes fatores (de acordo com a população e localidade, dentre outros) que podem influenciar esta decisão. Segundo Gomes (2023), a aceitabilidade não pode ser medida apenas pela intenção de uso, pois é um processo dinâmico e multifatorial, além de não garantir a utilização da tecnologia.

Uma temática abordada pela literatura foi a baixa adesão à PrEP por mulheres, bem como suas motivações, conhecimento e disposição para usar esse método. Além disso, análises com foco em mulheres trans mencionaram dificuldades e desafios relacionados principalmente ao estigma e à discriminação, além da sub-representação desse grupo nos estudos.

Em comparação com o universo masculino, uma maior vulnerabilidade das mulheres cis e trans ao HIV é propiciada por uma série de fatores biológicos, comportamentais, sociais e estruturais, como a violência de gênero e as desigualdades econômicas e educacionais. A vulnerabilidade das mulheres trans é exacerbada ainda mais pela transfobia, violência, estigma e discriminação, repercutindo diretamente no acesso aos serviços de saúde (Dayton *et al.*, 2023).

A perspectiva dos usuários oferece elementos para pensar e compreender o

enraizamento social dessa estratégia de prevenção ao HIV. A escolha pelo uso da PrEP, assim como as reflexões e ponderações sobre a rotina do tratamento, sua relevância e os impactos nas esferas social e afetiva, revela como essas experiências fornecem subsídios para compreender a atuação do regime biopolítico contemporâneo sobre as vivências individuais (Silva Junior, Brigeiro, Monteiro, 2023).

Mulheres trans e uso da PrEP para HIV

Um ponto que merece atenção na produção da PrEP e nos sujeitos aos quais se direciona é a representatividade das mulheres trans nos ensaios clínicos, estudos de demonstração e de implementação. O estudo “iPrEx” (Iniciativa Profilaxia Pré-Exposição) foi o primeiro grande trabalho sobre a eficácia da PrEP envolvendo homens que fazem sexo com homens, mulheres trans e travestis, realizado pelo INI/Fiocruz (Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas da Fundação Oswaldo Cruz) em 2010. O “iPrEx” foi o primeiro estudo abordando a PrEP que incluiu mulheres trans em sua amostra (Jalil *et al.*, 2019).

O conhecimento em relação à PrEP como método de prevenção entre as mulheres trans tende a ser baixo. Um estudo realizado nos Estados Unidos apontou que, em comparação com estudos anteriores, houve aumento do conhecimento sobre a PrEP como uma opção para mulheres trans (Morris *et al.*, 2024). No entanto, outro estudo, também nos Estados Unidos, demonstrou que, enquanto o conhecimento sobre a PrEP entre as mulheres trans era alto, o uso recente da PrEP auto-relatado era baixo (Kunhs *et al.*, 2023).

O baixo conhecimento sobre a PrEP entre mulheres trans é consistente com outros estudos de populações marginalizadas em países de baixa e alta renda. Os estudos sugerem que profissionais de saúde podem ajudar a aumentar o nível de conhecimento sobre a PrEP entre as usuárias em potencial por meio de uma linguagem clara, envolvendo parceiros(as) quando apropriado, integrando serviços de prevenção do HIV com a prestação de outros serviços que atendam às necessidades das mulheres trans, como a assistência ao processo transexualizador. Um conjunto de estudos aponta que o conhecimento sobre os fatores que afetam o risco de aquisição do HIV pelas mulheres permite que os médicos adaptem suas práticas de tomada de decisão compartilhada para aumentar o acesso das mulheres à PrEP (Jalil *et al.*, 2018; Aaron *et al.*, 2018; Maseko *et al.*, 2020).

Observamos que diversas pesquisas de PrEP são construídas a partir de categorias de risco, aumentando a dificuldade de avaliar possíveis diferenças entre grupos de pessoas nas mesmas categorias. É muito comum que pesquisadores agrupem mulheres transgênero com HSH, impedindo uma compreensão completa das expe-



riências das mulheres trans no uso da PrEP. Ao ser direcionada especificamente para HSH, a PrEP pode acabar limitando o acesso e o uso por outros grupos, como mulheres cis e trans, que podem não se reconhecer como público-alvo e, consequentemente, não perceber os benefícios do medicamento para si. Por exemplo, *Mora et al.* (2022), no contexto do Rio de Janeiro, relatam que profissionais do sexo questionam as diretrizes da PrEP em relação ao uso com os clientes — restrito exclusivamente para homens gays. Para se contrapor a esta ideia e ampliar as possibilidades de prevenção, elas dizem repassar informações sobre PrEP e PEP junto a outras colegas de ocupação e alguns clientes com os quais mantêm proximidade afetiva.

Além dos efeitos colaterais e adversos, os estudos sugerem que também existem as preocupações com as interações entre os hormônios e a PrEP, que influenciam diretamente na decisão de uso e no baixo uso da PrEP entre mulheres trans (*Morris et al.*, 2024; *Silva Junior; Brigeiro; Monteiro*, 2023). Ademais, *Malone et al.* (2021) reiteram que, embora existam pesquisas que explorem os facilitadores, barreiras e aceitabilidade no uso da PrEP entre mulheres trans, o foco nas necessidades específicas da população trans, com contextos de vulnerabilidade particulares (como transfobia, precarização do emprego e das redes de apoio), não recebe a suficiente atenção (*Malone et al.*, 2021). Isso se dá porque grande parte desses estudos contempla distintas “populações-chave”, junto às mulheres trans.

Uma pesquisa relata uma preocupação comum na literatura sobre PrEP cunhada pelo termo “compensação do risco”. Tal preocupação surge a partir do receio do aumento, de forma involuntária e indireta, da suscetibilidade às outras ISTs e comportamentos de risco, como o abandono do preservativo, com a utilização da PrEP entre mulheres trans (*Maragh-bass et al.*, 2024). Esta preocupação nos parece problemática ao ser formulada em termos de um comportamento ideal universal de uso do preservativo em todas as práticas, parcerias e cenas sexuais, e a sua correspondente vigilância das supostas “falhas” no cumprimento desse comportamento ideal. Além de moralizar os comportamentos, esta expressão parece não levar em consideração os significados culturais dos riscos.

Devido à exclusão social, muitas vezes a população trans tem dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, passando a exercer o trabalho sexual como uma forma de sobrevivência e fonte de renda. No trabalho sexual, muitas mulheres têm experiências com alguns de seus clientes que oferecem maior pagamento se estiverem dispostas a não usar preservativos em suas interações sexuais, aumentando assim o risco de contrair o HIV (*Maragh-bass et al.*, 2024). Entretanto, as trabalhadoras do sexo ainda não têm conhecimento suficiente sobre PrEP a ponto de usufruir de seus benefícios (*Morris et al.*, 2024; *Kolling; Oliveira; Merchan-Hamann*, 2021).



Os estudos sugerem que a PrEP pode desempenhar um papel importante no apoio à autonomia para prevenir a aquisição do HIV, sobretudo em cenários de violência por parceiro íntimo ou, como já mencionado, em situações de exposição no trabalho sexual.

Existem alguns fatores que podem influenciar a descontinuação da PrEP pelas mulheres trans. Um estudo realizado no Rio de Janeiro encontrou que a chance de descontinuação da PrEP era três vezes maior para mulheres trans do que para HSH. Entre as participantes dessa pesquisa, a idade foi um dos influenciadores para a descontinuação da PrEP. Pessoas mais jovens, com idades entre 18 e 24 anos, tinham duas vezes mais chances de descontinuar a PrEP do que aquelas com mais de 35 anos. As participantes com níveis de escolaridade mais baixos também tinham quase duas vezes mais chances de descontinuar o uso da PrEP do que aquelas com mais de 12 anos de escolaridade (Echeverría-Guevara *et al.*, 2022). As diferenças entre os países observados em alguns estudos para o envolvimento de longo prazo e adesão à PrEP provavelmente refletem sistemas de saúde pública distintos e a inclusão das populações trans em cada ambiente (Konda *et al.*, 2022; Chakrapani *et al.*, 2020; Maragh-bass *et al.*, 2024).

De acordo com a pesquisa “PrEPParadas”, realizada pelo INI-Fiocruz, alguns dos fatores que estavam relacionados à baixa adesão à PrEP por mulheres transgênero incluíam idade, baixa escolaridade, raça/cor, situação de vulnerabilidade, situação de moradia, consumo excessivo de álcool, utilização de estimulantes e utilização de terapia hormonal feminizante (Jalil *et al.*, 2022). A baixa escolaridade foi um fator que apareceu em concordância em outros estudos em relação à menor adesão de mulheres trans à PrEP. Os resultados de um estudo realizado no Brasil, México e Peru também apontam o papel da escolaridade na adesão à PrEP, na medida em que os relatos de uso foram maiores entre as mulheres trans com educação pós-secundária nos três países da pesquisa. A menor escolaridade foi anteriormente associada à baixa adesão à PrEP entre as mulheres trans brasileiras (Konda *et al.*, 2022).

Conforme apresentado na introdução, apesar do HIV/Aids afetar significativamente as mulheres trans, existe ainda uma sub-representação desse grupo nas pesquisas. Por exemplo, a maioria dos estudos realizados sobre a aceitabilidade e adesão à PrEP foram realizados entre homens que fazem sexo com homens. A falta de acompanhamento a longo prazo em relação ao rastreamento de efeitos colaterais e adversos da utilização da PrEP entre mulheres trans também merece destaque. Em síntese, alguns autores destacam a importância de que as pesquisas incluam mulheres trans nos estudos sobre PrEP para que os efeitos adversos e outras implicações derivadas do seu uso possam ser amplamente compreendidos (Maragh-bass *et al.*,

2024; Jalil et al., 2022).

As experiências com a PrEP para as mulheres trans muitas vezes são acompanhadas por um ideal de “saúde perfeita”, descrita por Crawford (1980) por meio do conceito de saudicização [healthism], que define esse processo como a “preocupação com a saúde pessoal como foco primário — geralmente o principal — para a conquista do bem-estar; um objetivo a ser atingido principalmente por meio da modificação de estilos de vida, com ou sem ajuda terapêutica” (1980, p. 368). Essa saudicização se dá na promoção da saúde e na conscientização da saúde pelo indivíduo a partir do estabelecimento de estilo de vida e hábitos tidos como saudáveis (Junior; Brigeiro; Monteiro, 2023).

Silva Junior et al. (2023) refletem em seu artigo realizado com gays, mulheres trans e travestis como as dimensões dessa “saúde perfeita” se expressam na experiência dos usuários e usuárias de PrEP. Ao descrever um dia habitual em sua vida, as participantes da pesquisa relataram que o uso da PrEP está associado a outros cuidados de saúde e/ou estético-cosméticos. Os autores analisam que a categoria ‘belo-saudável’ poderia ser vista como uma construção físico-moral decorrente do estilo de vida das camadas médias tanto para os HSH quanto para as mulheres trans. A PrEP seria um medicamento associado ao “estilo de vida” dos usuários. Entre as mulheres trans e travestis entrevistadas nessa pesquisa, a construção físico-moral da feminilidade está fortemente apoiada no conhecimento e uso de hormônios. A maioria das participantes referiu uma preocupação inicial sobre a incompatibilidade da PrEP com o uso de hormônio e buscava se informar a respeito.

A interação e articulação entre marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras, podem trazer efeitos na produção e reprodução das desigualdades em saúde. Em um estudo realizado com mulheres trans negras, foi visto que os resultados específicos de pessoas negras e trans têm sido frequentemente agregados aos de homens negros que fazem sexo com homens ou com mulheres trans de todas as origens raciais/étnicas, não permitindo aprofundar as singularidades e interações entre os determinantes sociais da diferença. Na pesquisa, mulheres trans negras relataram experiências frequentes de discriminação em serviços de saúde, motivadas por transfobia, racismo ou homofobia (McNulty et al., 2021).

Outros estudos também mostraram que a baixa adesão à PrEP — tema abordado acima — foi maior entre as mulheres trans com menos escolaridade e teve tendência de aumento entre as participantes negras. A combinação de experiências transfóbicas, racismo e discriminação impactam negativamente na prevenção do HIV, incluindo a adesão das mulheres trans (Jalil et al., 2022; Yan et al., 2021).



Jardim (2021) destaca a importância de criar recursos educativos para apoiar a gestão do cuidado, promoção da saúde e prevenção do HIV/Aids entre mulheres trans e travestis. Como exemplo, desenvolveu a tecnologia educacional “Vamos Combinar! Guia sobre profilaxia pré-exposição ao HIV”, com 29 páginas, 11 tópicos, textos e ilustrações sobre prevenção combinada e uso da PrEP.

Mulheres cis e o uso da PrEP para hiv

Uma revisão que descreveu a literatura sobre PrEP entre mulheres cis e mulheres trans nos Estados Unidos documentou semelhanças entre esses grupos, incluindo menor conhecimento, aceitação e adesão em comparação com homens cis (Baldwin; Light; Allison, 2021). Preocupações com efeitos colaterais, medo do estigma, incluindo estigma de saúde, desconfiança médica e o custo da PrEP como barreira também são elencadas.

Traçar paralelos entre mulheres cis e trans no que se refere à PrEP contribui para uma urgente releitura da produção de conhecimentos que contemple as mulheres trans como mulheres, e não como HSH. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer as diferenças e singularidades de experiências no que se refere à PrEP, como, por exemplo, as preocupações das mulheres trans sobre a permanência na terapia hormonal, efeitos colaterais das medicações e a necessidade de cuidados específicos ou de afirmação de gênero. Já os impactos da gravidez, ou da sua evitação, configuram uma questão atinente às mulheres cis.

Baldwin *et al.* (2021) ressaltam a necessidade de incorporar as particularidades nas abordagens direcionadas no campo da prevenção do HIV, pois o pressuposto de que uma mensagem pode ganhar os mesmos sentidos para todos os grupos e sujeitos significa perdas de oportunidades de prevenir novas infecções pelo HIV em mulheres cis e trans.

Outro ponto crítico identificado na literatura diz respeito à abordagem da PrEP nas relações médico-paciente. O uso da PrEP tanto por mulheres cis quanto por mulheres trans tende a ser maior quando é recomendado por seu profissional de saúde. Existe uma necessidade de intervenções de promoção da saúde e de possibilitar que as informações sobre PrEP cheguem às mulheres. Porém, os profissionais de saúde tendem a hesitar na prescrição desse método para mulheres, tornando importante o treinamento e educação de médicos e enfermeiros sobre a PrEP como uma intervenção em nível institucional (Baldwin; Light; Allison, 2021).

Apesar da comunicação não constituir o foco deste ensaio, cumpre sinalizar que a circulação de informações sobre a PrEP é atravessada pelos planos da comunicação em massa, das plataformas digitais e das interações no contexto da relação

médico-paciente (Grimm e Schwartz, 2021). Segundo os autores, a circulação de informações no universo trans ainda é limitada, porém nas mulheres cis existem ainda mais restrições. Os escassos investimentos na geração de mensagens que atendam às especificidades segundo os marcadores sexuais, raciais e de gênero têm sido apontados em estudos internacionais que focam nas mensagens sobre a profilaxia. Para ilustrar tais assimetrias, em uma análise de conteúdo de 217 vídeos sobre PrEP publicados no Youtube na língua inglesa, a população trans foi discutida em apenas cinco vídeos. Entretanto, mulheres e casais heterossexuais foram representados em seis vídeos, que abordam exclusivamente a PrEP voltada a mulheres, e outros dois discutiram casais heterossexuais sorodiscordantes (Kecojevic *et al.*, 2018).

Especificamente em relação aos estudos que abordam as mulheres cis, alguns dos desafios para o uso da PrEP incluem: dificuldade de identificar mulheres cis com maior risco para o HIV que mais se beneficiariam desse método, a baixa autopercepção do risco de HIV, baixo conhecimento sobre a PrEP e barreiras estruturais e individuais para a adesão e continuidade ao seu uso (Johnson *et al.*, 2023).

Apesar do crescente número de estudos referentes a possíveis intervenções para aumentar a aceitação da PrEP entre HSH e mulheres trans, pouco se sabe ainda sobre estratégias bem-sucedidas para aumentar a aceitação da PrEP entre as mulheres cis. Os estudos que investigam as barreiras e facilitadores do uso da PrEP entre mulheres cis geralmente focam em mulheres soronegativas para o HIV, deixando de incluir aquelas já diagnosticadas. Isso cria uma lacuna no conhecimento que poderia ser crucial para identificar mulheres mais vulneráveis à infecção e que poderiam se beneficiar da PrEP. O risco de HIV em mulheres cis é elevado devido a fatores individuais, como baixa percepção de risco, desconhecimento do status do parceiro, exposição sexual e violência, bem como fatores estruturais e contextuais, incluindo racismo, opressão de gênero, falta de moradia, sexo como meio de sobrevivência, desemprego e uso de drogas/álcool (Johnson *et al.*, 2023).

Uma revisão de literatura realizada nos Estados Unidos demonstrou que alguns dos fatores associados à vulnerabilidade incluem história de uso inconsistente ou nenhum uso de preservativo; diagnóstico recente de uma IST; trabalho no mercado sexual; uso de drogas intravenosas e/ou dependência de álcool; ter parceiro(s) com HIV; mulheres que vivem em comunidades com alta prevalência de HIV; e estar em uma rede sexual de alto risco com baixa consciência do status ou fatores de risco dos parceiros (Aaron *et al.*, 2018). O estudo identificou que a decisão das mulheres sobre usar PrEP é influenciada por custo, opinião de pares, autonomia na prevenção, orientação médica e facilidade de acesso. Além disso, há preocupação de que profissionais de saúde pouco familiarizados com as diretrizes possam ser relutantes em

prescrever a profilaxia.

Segundo um estudo realizado nos Estados Unidos com 18 mulheres cis, em sua maioria negras/afro-americanas e jovens, um maior conhecimento sobre a PrEP foi relatado entre as mulheres cis que fazem trabalho sexual, incluindo também as mulheres que fazem o uso de drogas injetáveis. As mulheres que relataram trabalho sexual tiveram três vezes mais chances de conhecer a PrEP do que aquelas que não o fizeram (Baldwin *et al.*, 2021).

A discussão sobre vulnerabilidade baseada em gênero e raça perante as possibilidades que a profilaxia traz às suas potenciais usuárias no contexto norte-americano também emerge em pesquisas cujo lócus de análise são as redes sociais, como analisado por Hill *et al.* (2018).

Apesar do alto número de novos diagnósticos de HIV entre mulheres na África do Sul, pouco se sabe sobre sua aceitabilidade e interesse na PrEP. Na África Subsaariana, mais de 50% das novas infecções por HIV ocorrem entre adolescentes e mulheres jovens cis com menos de 25 anos, tendo de 5 a 14 vezes mais chances de viver com HIV do que seus parceiros (Dayton *et al.*, 2023). Um estudo realizado em Malawi revelou que as mulheres que tinham interesse na PrEP pela crença de que grande parte de sua exposição ao risco de HIV se devia a fatores que estavam fora de seu controle, incluindo parceiros com relacionamentos simultâneos, desafios com o uso de preservativos e violência sexual (Maseko *et al.*, 2020).

Uma revisão de literatura verificou que a disposição para usar PrEP foi menor entre mulheres cis em comparação aos homens na maioria dos estudos com pessoas cis (Baldwin *et al.*, 2021). Na maioria dos estudos analisados nos Estados Unidos, as mulheres cis negras estavam mais dispostas a usar PrEP do que as mulheres cis brancas. Outro fator que facilitou o interesse das mulheres cis à PrEP foi o conhecimento dos efeitos colaterais associados à sua utilização, bem como a experiência de abandono do preservativo.

Nunes (2022), em sua dissertação sobre as motivações e experiências de uso da profilaxia pré-exposição ao HIV em mulheres profissionais do sexo na cidade de São Paulo, relata que as participantes faziam uso de preservativos nas suas relações sexuais ocorridas durante o trabalho. As situações nas quais era relatado o não uso do preservativo eram os encontros com clientes de longo tempo ou com companheiros fixos devido aos sentimentos de confiança cultivados nas relações. Dessa forma, quando tiveram conhecimento sobre a PrEP, sentiram-se motivadas a utilizá-la, por terem a oportunidade de uma “segunda proteção”.

Outra questão recorrente entre as mulheres recai sobre as percepções negativas da comunidade, que poderiam descobrir as embalagens de PrEP e julgá-las como

“promíscuas” (Maseko *et al.*, 2020). As mulheres que participaram de um estudo com mulheres jovens da África Subsaariana sugeriram que a PrEP fosse embalada discretamente para manter a privacidade e não que tivesse a aparência de TARV, para evitar a imagem associada ao tratamento para HIV/Aids, além de sugerirem que a PrEP fosse realizada em ambientes confortáveis e amigáveis às jovens, fornecendo acesso a cuidados, educação e aconselhamento de PrEP (Maseko *et al.*, 2020).

O apoio social, de parceiros e de membros da família desempenha também um papel importante na aceitação e uso da PrEP. A oposição por parte de pessoas significativas na vida de quem utiliza ou pretende utilizar a PrEP, manifestada por comentários negativos, desencorajamento ou proibição, pode contribuir para a não utilização ou interrupção do uso da PrEP. Os sentidos da expressão “apoio social” na literatura discutida incluem apoio emocional, apoio de avaliação, apoio informativo, e apoio instrumental.

Achados de uma pesquisa sobre prevenção do HIV realizada entre mulheres jovens sul-africanas, com idades entre 16 e 25 anos, mostraram que a divulgação à família estava associada a uma probabilidade aproximadamente seis vezes maior de adesão à PrEP. Entre as principais razões pelas quais as famílias se opuseram ao uso da PrEP entre as mulheres jovens estavam a confusão da PrEP com a TARV, atribuindo o consumo de comprimidos ao tratamento de uma infecção por HIV, e o temor de que a PrEP pudesse deixar as participantes doentes, causar efeitos secundários ou transmitir o HIV (Ndimande-khosa *et al.*, 2023; Aaron *et al.*, 2018).

Considerações finais

Este ensaio bibliográfico teve como objetivo discutir o uso de um método preventivo específico ao HIV — a PrEP — entre mulheres cis e trans. Para tanto, analisamos a literatura disponível em artigos qualitativos nacionais e internacionais, bem como em dissertações e teses brasileiras. Nossa análise revela que a maior parte dos artigos disponíveis foi produzida no contexto de pesquisas clínicas ou interdisciplinares. Uma parte menor da produção sobre o tema decorre de estudos da área de ciências humanas, notadamente dissertações e teses defendidas em programas de Saúde Coletiva, Saúde Pública, Sociologia, Antropologia ou Educação.

A baixa adesão à PrEP entre mulheres cis está associada a fatores como baixa percepção de risco, desconhecimento do status do(a) parceiro(a), violência, falta de informação e acesso, além de racismo e opressão de gênero. Por outro lado, estudos indicam que a disposição para seu uso pode estar relacionada ao histórico de trabalho sexual, influenciado pelo foco em “populações-chave” nas recomendações (Johnson *et al.*, 2023; Baldwin *et al.*, 2021).



A análise revela que embora as mulheres cis tenham maior acesso à PrEP do que as mulheres trans, elas têm menor adesão. Por outro lado, as mulheres trans parecem enfrentar mais barreiras para acessar os serviços de saúde em geral e a PrEP em particular. No entanto, elas são mais contínuas no tratamento. Tais questões aparecem como lacunas a serem preenchidas por novos estudos socioantropológicos.

Dentre os artigos, que são, em sua maioria, resultados de pesquisas qualitativas realizadas no contexto de ensaios clínicos, notamos a escassez de pesquisas compreensivas que abordem o uso da PrEP por mulheres cis, e ainda, chama a atenção que a literatura não registre ou discuta se esta profilaxia comporta uma reivindicação de ativistas ou de grupos feministas. Por outro lado, as dissertações e teses, de cunho sociológico ou antropológico, tendem a questionar e qualificar a compreensão do universo de significados e experiências no acesso e uso desse método de prevenção, como a de Euzébio (2023).

No que tange à perspectiva do ativismo trans Benevides (2018) também destaca a importância de considerar as políticas públicas de prevenção do HIV/Aids em articulação com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), uma rede nacional que reúne 127 instituições em todo o Brasil, voltadas à promoção da cidadania da população de travestis e transexuais. A autora problematiza o fato da comunidade ser priorizada para a investigação, enquanto as campanhas de comunicação e o respaldo institucional ficam aquém do esperado.

Ainda em relação às mulheres trans, a literatura informa que a maioria tende a enfrentar muitos desafios relacionados principalmente ao estigma e à discriminação. Além disso, existe também uma sub-representação desse grupo nos estudos quando comparado aos HSH. A exclusão de mulheres trans em ensaios clínicos pode contribuir para a desinformação e declínio na aceitação da PrEP.

Foram encontradas semelhanças entre os estudos que abordam mulheres cis e trans no que diz respeito ao conhecimento, aceitação e adesão da PrEP em comparação com homens cis. Traçar paralelos entre mulheres cis e trans no contexto do uso da PrEP é fundamental para reafirmar o reconhecimento das mulheres trans como mulheres nos estudos. É essencial considerar as diferenças e singularidades das experiências entre mulheres cis e trans no acesso e na utilização da PrEP. Empreender uma releitura da produção de conhecimentos que contemple as mulheres trans como mulheres, e não como HSH, significa atentar para visões sobre a sexualidade ancoradas em hierarquizações de risco e na reificação do sexo biológico como organizador das “populações”, que perpassam as políticas de saúde e que por vezes são reproduzidas pelas pesquisas voltadas para essas políticas.

Em outros países, diferente do Brasil, o custo da PrEP foi uma barreira docu-

mentada entre mulheres cis e trans, independentemente da raça. A marginalização econômica enfrentada pelas mulheres trans, resultante da dificuldade de ingresso no mercado formal de trabalho, exacerba a barreira de custo para a PrEP, além de frequentemente levá-las a eleger o mercado sexual como fonte de renda, aumentando sua vulnerabilidade ao HIV/Aids (Maragh-bass et al., 2024; Yan et al., 2022; Aaron et al., 2018).

A PrEP representa uma estratégia relevante para a prevenção do HIV entre mulheres cis e trans. Contudo, a efetividade de sua implementação depende de um compromisso contínuo com a equidade em saúde, da promoção da conscientização comunitária, do acesso a informações de qualidade e da adequada capacitação dos profissionais de saúde.

Esses resultados destacam a importância de que os programas de saúde pública que oferecem PrEP incluam apoio personalizado, com intervenções eficazes voltadas à população trans, a fim de fortalecer a adesão ao tratamento e o engajamento com os serviços de saúde. Torna-se essencial fornecer serviços de PrEP às mulheres de maneira que atendam às suas necessidades individuais e específicas.

Diante disso, surgem questões importantes a serem exploradas futuramente, como: existe continuidade entre a pouca visibilidade das mulheres nas décadas iniciais da epidemia e o cenário atual de aparente desinformação sobre a PrEP neste grupo? Quais são as mulheres que importam nas recomendações técnicas e nas pesquisas sobre o tema?

Recebido 22/10/2025

Aprovado 04/05/2026

Referências

- Aaron, E., Blum, C., Seidman, D., Hoyt, M. J., Simone, J., Sullivan, M., & Smith, D. K. (2018). Optimizing delivery of HIV preexposure prophylaxis for women in the United States. *AIDS Patient Care and STDs*, 32(1), 16–23. <https://doi.org/10.1089/apc.2017.0201>
- Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2026, 12 de janeiro). Anvisa aprova nova indicação de medicamento para prevenção do HIV-1. <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2026/anvisa-aprova-nova-indicacao->



para-prevencao-do-hiv-1

- Ayres, J. R. C. M. et al. (2003). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: Novas perspectivas e desafios. In D. Czeresnia & C. M. Freitas (Orgs.), *Promoção da saúde: Conceitos, reflexões, tendências* (pp. 117–139). FIOCRUZ.
- Ayres, J. R. et al. (2009). *Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde*. HUCITEC/FIOCRUZ.
- Baldwin, A., Light, B., & Allison, W. E. (2021). Pre-exposure prophylaxis (PrEP) for HIV infection in cisgender and transgender women in the U.S.: A narrative review of the literature. *Archives of Sexual Behavior*, 50(4), 1713–1728. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01903-8>
- Benevides, B. (2018). A invisibilidade e a ausência de respostas efetivas à garantia do direito à saúde da população trans. In V. Leite, R. Parker, & V. Terto (Orgs.), *Dimensões sociais e políticas da prevenção* (pp. 92–97). ABIA.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). *Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST)*. Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2022). *Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST)*. Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2023). *Relatório de monitoramento de PrEP e PeP ao HIV*. Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2024). *Boletim epidemiológico HIV/Aids 2024*. Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2025). *Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST)*. Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2025). *Boletim*



epidemiológico HIV/Aids 2024. Ministério da Saúde.

- Brigeiro, M., & Monteiro, S. (2023). Pre-exposure prophylaxis for HIV in Brazil: Hopes and moral panic in the social construction of a biomedical technology. *Culture, Health & Sexuality*, 25, 1055–1069. <https://doi.org/10.1080/13691058.2022.2121423>
- Carvalho Junior, E. F. (2020). *(De)leites (PrEP)arados: Uma etnografia sobre a profilaxia de pré-exposição ao HIV em Anápolis/GO* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás].
- Cazeiro, F., Leite, J. F., & Costa, A. J. (2023). Por uma decolonização do HIV e interseccionalização das respostas à aids. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 33, e33024. <https://doi.org/10.1590/s0103-7331202333024>
- Chakrapani, V., Shunmugam, M., Rawat, S., Baruah, D., Nelson, R., & Newman, P. A. (2020). Acceptability of HIV pre-exposure prophylaxis among transgender women in India: A qualitative investigation. *AIDS Patient Care and STDs*, 34(2), 92–98. <https://doi.org/10.1089/apc.2019.0237>
- Crawford, R. (1980). Healthism and the medicalization of everyday life. *International Journal of Health Services*, 10(3), 365–388.
- Dayton, R. L. et al. (2023). A scoping review of oral pre-exposure prophylaxis for cisgender and transgender adolescent girls and young women: What works and where do we go from here? *AIDS and Behavior*, 27(10), 3223–3238. <https://doi.org/10.1007/s10461-023-04043-x>
- Echeverría-Guevara, A., Coelho, L. E., Veloso, V. G., Pimenta, M. C., Hoagland, B., Moreira, R. I., Leite, I. et al. (2023). Travestis, transgender women and young MSM are at high risk for PrEP early loss to follow-up in Rio de Janeiro, Brazil. *The Brazilian Journal of Infectious Diseases*, 27(1), 102733. <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102733>
- Euzébio, F. A. (2023). *Pedagogia dos prazeres: Apreendendo formas de compreender*



- e modos de estar em PrEP no Brasil [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia].
- Galvão, J. (2002). *1980–2001: Uma cronologia da epidemia de HIV/Aids no Brasil e no mundo*. ABIA.
- Gomes, R. (2021). Participação dos movimentos sociais na saúde de gays e lésbicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(6), 2291–2300.
- Gomes, R. (2022). *O ensaio como formato de artigo* [Videoaula]. ENSP/Fiocruz.
- Grimm, J., & Schwartz, J. (2021). PrEP, HIV, and the importance of health communication. In S. Bernays et al. (Eds.), *Remaking HIV Prevention in the 21st Century: The Promise of TasP, U=U and PrEP* (pp. 47–58). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-69819-5_4
- Hill, B. S., Patel, V. V., Houghton, L. J., & Blackstock, O. J. (2018). Leveraging social media to explore Black women’s perspectives on HIV pre-exposure prophylaxis. *Journal of the Association of Nurses in AIDS Care*, 29(1), 107–114. <https://doi.org/10.1016/j.jana.2017.06.010>
- Jalil, E. M., Grinsztejn, B., Velasque, L., Makkeda, A. R., Luz, P. M., Moreira, R. I., Kamel, L. et al. (2018). Awareness, willingness, and PrEP eligibility among transgender women in Rio de Janeiro, Brazil. *JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, 79(4), 445–452. <https://doi.org/10.1097/QAI.0000000000001839>
- Jalil, E. M., Grinsztejn, B., Velasque, L., Makkeda, A. R., Luz, P. M., Moreira, R. I., Kamel, L. et al. (2019). Awareness, willingness, and PrEP eligibility among transgender women in Rio de Janeiro, Brazil. *JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, 79(4), 445–452. <https://doi.org/10.1097/QAI.0000000000001839>
- Jalil, E. M., Torres, T. S., Luz, P. M., Monteiro, L., Moreira, R. I., Castro, C. R. V. de, Leite, I. C. et al. (2022). Low PrEP adherence despite high retention

- among transgender women in Brazil: The PrEPParadas study. *Journal of the International AIDS Society*, 25(3), e25896. <https://doi.org/10.1002/jia2.25896>
- Jardim, L. F. S. (2021). *Tecnologia educacional sobre profilaxia pré-exposição para travestis e mulheres trans: Produção baseada em evidências* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas].
- Johnson, A. K., Devlin, S., Haider, S., Oehler, C., Rivera, J., Alvarez, I., & Ridgway, J. (2023). Evaluation of multiple data sources for predicting increased need for HIV prevention among cisgender women: Understanding missed opportunities for pre-exposure prophylaxis (PrEP). *BMC Infectious Diseases*, 23(1), 781. <https://doi.org/10.1186/s12879-023-08719-6>
- Kecojevic, A., Basch, C., Basch, C., & Kernan, W. (2018). Pre-exposure prophylaxis YouTube videos: Content evaluation. *JMIR Public Health and Surveillance*, 4(1), e19. <https://doi.org/10.2196/publichealth.7733>
- Kolling, A. F., Oliveira, S. B. de, & Merchan-Hamann, E. (2021). Fatores associados ao conhecimento e utilização de estratégias de prevenção do HIV entre mulheres trabalhadoras do sexo em 12 cidades brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(8), 3053–3064. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021268.17502020>
- Konda, K. A., Torres, T. S., Mariño, G., Ramos, A., Moreira, R. I., Leite, I. C., Cunha, M. et al. (2022). Factors associated with long-term HIV pre-exposure prophylaxis engagement and adherence among transgender women in Brazil, Mexico and Peru: Results from the ImPrEP study. *Journal of the International AIDS Society*, 25(S5), e25974. <https://doi.org/10.1002/jia2.25974>
- Kuhns, L. M., Perloff, J., Johnson, A. K., Paul, J. L., Pleasant, K., Evans, K., Denson, D. J. et al. (2023). A cross-sectional analysis of psychosocial and structural barriers and facilitators associated with PrEP use among a sample of transgender women in Chicago, IL. *AIDS Research and Therapy*, 20(1), 24.

<https://doi.org/10.1186/s12981-023-00516-0>

- Malone, J., Reisner, S. L., Cooney, E. E., Poteat, T., Cannon, C. M., Schneider, J. S., Radix, A. et al. (2021). Perceived HIV acquisition risk and low uptake of PrEP among a cohort of transgender women with PrEP indication in the Eastern and Southern United States. *JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, 88(1), 10–18. <https://doi.org/10.1097/QAI.0000000000002726>
- Mann, J., & Tarantola, D. (1996). AIDS in the world II: Global dimensions, social roots and responses. In *AIDS in the world II* (Part V. From epidemiology to vulnerability to human rights, pp. 427–474). Oxford University Press.
- Maragh-Bass, A. C., Kiplagat, S., Lavari, S., Sastre, F., Devieux, J. G., Jimenez, D., Clarke, R. D. et al. (2024). Barriers to accessing and engaging in HIV preventive care and pre-exposure prophylaxis experienced by transgender women in Florida. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 21(3), 376. <https://doi.org/10.3390/ijerph21030376>
- Marrazzo, J. M. et al. (2024). HIV preexposure prophylaxis with emtricitabine and tenofovir disoproxil fumarate among cisgender women. *JAMA*, 331(11), 930–937. <https://doi.org/10.1001/jama.2024.0464>
- Maseko, B., Hill, L. M., Phanga, T., Bhushan, N., Vansia, D., Kamtsendero, L., Pettifor, A. E., Bekker, L.-G., Hosseinipour, M. C., & Rosenberg, N. E. (2020). Perceptions of and interest in HIV pre-exposure prophylaxis use among adolescent girls and young women in Lilongwe, Malawi. *PLOS ONE*, 15(1), e0226062. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0226062>
- McNulty, M. C., Acree, M. E., Kerman, J., Williams, H. S., & Schneider, J. A. (2022). Shared decision making for HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP) with Black transgender women. *Culture, Health & Sexuality*, 24(8), 1033–1046. <https://doi.org/10.1080/13691058.2021.1909142>
- Mora, C., & Monteiro, S. (2025). Comunicação da PrEP e da PEP no Brasil: Exploração dos sentidos de peças comunicacionais e análise das concepções de agentes



- governamentais. *Cadernos de Saúde Pública*, 41, e00100524.
- Mora, C., Nelvo, R., & Monteiro, S. (2022). Biomedicina, sexualidade e risco nas peças de comunicação governamentais sobre PrEP e PEP (2016–2019). *Saúde e Sociedade*, 31, 1–13.
- Morris, E., Teplinskaya, A., Olansky, E., Rinderle, J. K., Chapin-Bardales, J., & National HIV Behavioral Surveillance Among Transgender Women Study Group et al. (2024). Characteristics associated with pre-exposure prophylaxis discussion and use among transgender women without HIV infection — National HIV Behavioral Surveillance Among Transgender Women, seven urban areas, United States, 2019–2020. *MMWR Supplements*, 73(1), 9–20. <https://doi.org/10.15585/mmwr.su7301a2>
- Ndimande-Khoza, M. N., Katz, A. W. K., Moretlwe-Delany, S., Travill, D., Rousseau, E., Omollo, V., Morton, J. et al. (2023). Family influences on oral PrEP use among adolescent girls and young women in Kenya and South Africa. *PLOS ONE*, 18(11), e0292529. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0292529>
- Nunes, R. L. (2022). *Motivações e experiências de uso da profilaxia pré-exposição ao HIV em mulheres profissionais do sexo* [Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Santos].
- Oscar, R. C. (2019). *Pílulas diárias anti-HIV: A construção de uma narrativa antropológica sobre a profilaxia pré-exposição para HIV* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Paiva, V., Antunes, M. C., & Sanchez, M. N. (2019). O direito à prevenção da Aids em tempos de retrocesso: Religiosidade e sexualidade na escola. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e180625. <https://doi.org/10.1590/Interface.180625>
- Silva Junior, A. L., Brigeiro, M., & Monteiro, S. (2023). Saúde, aprimoramento e estilo de vida: O uso da profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) entre homens gays, mulheres trans e travestis. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 33, e33082.

<https://doi.org/10.1590/s0103-7331202333082>

Silva Junior, F. J. da. (2025). *(In)gerindo uma política de prevenção: Etnografia da PrEP na biomedicalização da resposta ao HIV em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte].

World Health Organization. (2025). *The Global Health Observatory – Estimated number of people (all ages) living with HIV*. <https://www.who.int/data/gho/data/indicators/indicator-details/GHO/estimated-number-of-people--living-with-hiv>

Yan, L., Yan, Z., Wilson, E., Arayasirikul, S., Lin, J., Yan, H., & McFarland, W. (2021). Awareness and willingness to use HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP) among trans women in China: A community-based survey. *AIDS and Behavior*, 25(3), 866–874. <https://doi.org/10.1007/s10461-020-03050-6>

Anexos

Quadro 1. Artigos incluídos a partir da busca na BVS e Scielo – período 2014 e 2024.

Revista	Título	Autoria	Ano de publicação	Local de publicação	Tema geral	Público
Int J Environ Res Public Health	Barriers to Accessing and Engaging in HIV Preventive Care and Pre-Exposure Prophylaxis Experience d by Transgend er Women in Florida.	Maragh-Bass AC, Kiplagat S, Lavari S, Sastre F, Devieux JG, Jimenez D, Clarke RD, Noel I, Schrimshaw EW, Sevelius J, Cyrus E.	2024	Estados Unidos	Análise das barreiras e facilitadores em relação ao acesso, uso e/ou permanência na PrEP.	Mulheres trans
	Characteris tics Associated with Pre-Exposure Prophylaxis Discussion and Use Among Transgend	Morris E.			Características	



MMWR Suppl	er Women Without HIV Infection - National HIV Behavioral Surveillance Among Transgender Women, Seven Urban Areas, United States, 2019-2020.	Teplinskaya A, Olansky E, Rinderle JK, Chapin-Bardales J	2024	Estados Unidos	associadas à discussão e uso da PrEP.	Mulheres trans
PLoS One	Family influences on oral PrEP use among adolescent girls and young women in Kenya and South Africa.	Ndimande-Khoza MN, Katz AWK, Moretlwe-Delany S, Travill D, Rousseau E, Omollo V, Morton J, Johnson R, Bekker LG, Bukusi EA, Baeten J, Celum C, van der Straten A, Roberts ST.	2023	África do Sul	Descrição da influência da família no uso da PrEP.	"Mulheres"
BMC Infect Dis	Evaluation of multiple data sources for predicting increased need for HIV prevention among cisgender women: understanding missed opportunities for Pre-exposure Prophylaxis (PrEP).	Johnson AK, Devlin S, Haider S, Oehler C, Rivera J, Alvarez I, Ridgway J.	2023	Estados Unidos	Identificação de fatores de risco comuns para o HIV e fontes de dados para identificar esses fatores, bem como pontos de intervenção e oportunidades perdidas para a ligação da PrEP.	Mulheres cis
	A Scoping Review of Oral Pre-exposure Prophylaxis for Cisgender	Dayton RL, Fonner VA,			Sintetização de resultados das	



AIDS Behav	and Transgender Adolescent Girls and Young Women: What Works and Where Do We Go from Here?	Plourde KF, Sanyal A, Arney J, Orr T, Nhamo D, Schueller J, Limb AM, Torjesen K.	2023	Estados Unidos	intervenções para uso da PrEP por mulheres para informar pesquisas e programas.	Mulheres cis e trans
AIDS Res Ther	A cross-sectional analysis of psychosocial and structural barriers and facilitators associated with PrEP use among a sample of transgender women in Chicago, IL.	Kuhns LM, Perloff J, Johnson AK, Paul JL, Pleasant K, Evans K, Denson DJ, Gelaude DJ, Bessler PA, Diskin R, Cervantes M, Garofalo R, Hotton AL.	2023	Estados Unidos	Barreiras psicossociais e estruturais e facilitadores associados ao uso da PrEP	Mulheres trans
Braz J Infect Dis	Travestis, transgender women and young MSM are at high risk for PrEP early loss to follow-up in Rio de Janeiro, Brazil.	Echeverría-Guevara A, Coelho LE, Veloso VG, Pimenta MC, Hoagland B, Moreira RI, Leite I, Jalil EM, Cardoso SW, Torres TS, Grinsztejn B.	2023	Brasil	Identificar fatores associados à perda precoce de seguimento da PrEP.	Mulheres trans
J Int AIDS Soc	Factors associated with long-term HIV pre-exposure prophylaxis engagement and adherence among transgender women in Brazil, Mexico and Peru: results from the ImPrEP study.	Konda KA, Torres TS, Mariño G, Ramos A, Moreira RI, Leite IC, Cunha M, Jalil EM, Hoagland B, Guanira JV, Benedetti M, Pimenta C, Vermandere H, Bautista-Arredondo S, Vega-Ramirez H, Veloso VG,	2022	Peru	Fatores associados ao envolvimento e adesão à PrEP.	Mulheres trans



	study.	veloso VG, Caceres CF, Grinsztejn B;				
Cultura, Saúde e Sexualidade	Shared decision making for HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP) with black transgender women.	McNulty, MC, Acree, ME, Kerman, J., Williams, H. "Herukhuti" S., & Schneider, JA	2021	Estados Unidos	Analisar a tomada de decisão compartilhada para o uso da PrEP.	Mulheres trans
J Int AIDS Soc	Low PrEP adherence despite high retention among transgender women in Brazil: the PrEPParadas study.	Alil EM, Torres TS, Luz PM, Monteiro L, Moreira RI, de Castro CRV, Leite IDC, Cunha M, de Cássia Elias Estrela R, Ramos M, Hoagland B, Wagner Cardoso S, Anderson P, Veloso VG, Wilson E, Grinsztejn B.	2022	Brasil	Captação, retenção e adesão à PrEP.	Mulheres trans
J Acquir Immune Defic Syndr	Perceived HIV Acquisition Risk and Low Uptake of PrEP Among a Cohort of Transgender Women With PrEP Indication in the Eastern and Southern United States.	Malone J, Reisner SL, Cooney EE, Poteat T, Cannon CM, Schneider JS, Radix A, Mayer KH, Haw JS, Althoff KN, Wawrzyniak AJ, Beyrer C, Wirtz AL;	2021	Estados Unidos	Risco percebido de aquisição do HIV e baixa aceitação da PrEP.	Mulheres trans
Arch Sex Behav	Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) para Infecção por HIV em Mulheres Cisgênero e Transgênero	Baldwin A, Luz B, Allison NÓS.	2021	Estados Unidos	Descrever a literatura sobre a PrEP Análise de fatores de nível individual associados ao uso da PrEP	Mulheres cis e trans



	o nos EUA: Uma Revisão Narrativa da Literatura.				como disposição e barreiras percebidas.	
AIDS Behav	Awareness and Willingness to use HIV Pre-exposure Prophylaxis (PrEP) Among Trans Women in China: A Community-Based Survey.	Yan L, Yan Z, Wilson E, Arayasirikul S, Lin J, Yan H, McFarland W	2021	China	Conscientização sobre a PrEP e vontade de usar a PrEP.	Mulheres trans
AIDS Patient Care STDS	Acceptability of HIV Pre-Exposure Prophylaxis Among Transgender Women in India: A Qualitative Investigation.	Chakrapani V, Shunmugam M, Rawat S, Baruah D, Nelson R, Newman PA.	2020	India	Aceitabilidade da PrEP.	Mulheres trans
PLoS One	Perceptions of and interest in HIV pre-exposure prophylaxis use among adolescent girls and young women in Lilongwe, Malawi.	Maseko B, Hill LM, Phanga T, Bhushan N, Vansia D, Kamtsendero L, Pettifor AE, Bekker LG, Hosseinipour MC, Rosenberg NE.	2020	Malawi	Percepções e interesse das usuárias em potencial no uso da PrEP.	"Mulheres"
J Acquir Immune Defic Syndr	Conscientização, disposição e elegibilidade para PrEP entre mulheres trans no Rio de Janeiro, Brasil.	Jalil EM, Grinsztejn B, Velasque L, Ramos Makkeda A, Luz PM, Moreira RI, Kamel L, Fernandes NM, Ferreira ACC, Hoagland B, Wagner S, Liu A, ...	2018	Brasil	Conscientização, disposição e elegibilidade para a PrEP.	Mulheres trans

	Brasil.	McFarland W, Buchbinder S, Veloso VG, Wilson E				
AIDS Patient Care STDS	Optimizing Delivery of HIV Preexposure and Prophylaxis for Women in the United States.	Aaron E, Blum C, Seidman D, Hoyt MJ, Simone J, Sullivan M, Smith DK.	2018	Estados Unidos	Descrição das barreiras relacionadas à adesão aos serviços de PrEP; identificação de mulheres em risco de HIV; análise de como fornecer PrEP às mulheres; descrição do modelos centrados no cliente.	"Mulheres"
Physis: Revista de Saúde coletiva	Saúde, aprimoramento e estilo de vida: o uso da profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) entre homens gays, mulheres trans e travestis.	Aureliano Lopes da Silva Junior; Mauro Brigeiro; Simone Monteiro.	2023	Brasil	Análise dos significados do uso da PrEP.	Mulheres trans
Ciência e Saúde Coletiva	Fatores associados ao conhecimento e utilização de estratégias de prevenção do HIV entre mulheres trabalhadoras do sexo em 12 cidades brasileiras	Ana Francisca Kolling;Silva no Barbosa de Oliveira;Edgar Merchant-Hamann.	2021	Brasil	Fatores associados ao conhecimento e utilização da PrEP.	"Mulheres"

Quadro 2. Dissertações e teses (BDTD e google acadêmico)



Título	Autor	Ano de publicação	Local de publicação	Instituição	Área disciplinar	Tipo
Motivações e experiências de uso da profilaxia pré-exposição ao hiv em mulheres profissionais do sexo.	Rosane leite nunes	2022	Santos	Universidade Católica de Santos	Saúde Coletiva	Dissertação
Conhecimento, interesse, decisão sobre o uso e adesão precoce à profilaxia pré exposição (PrEP) entre homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres transexuais (Trans) participantes no estudo PrEP Brasil.	Brenda Regina de Siqueira Hoagland	2016	Rio de Janeiro	Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas	Infectologia	Tese
Adesão à profilaxia pré-exposição em homens que fazem sexo com homens (hsh) e mulheres transexuais em risco de contrair hiv.	Luana monteiro spindola marins	2019	Rio de Janeiro	Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas	Infectologia	Tese
Aceitabilidade e início do uso da profilaxia pré exposição ao hiv em populações-chave para epidemia de hiv/aids.	Fabiane soares gomes	2023	Salvador	Universidade Federal da Bahia	Saúde Coletiva	Tese
Fatores associados à não-aceitabilidade da PrEP entre travestis e mulheres transexuais na região nordeste do Brasil.	Fabiane soares gomes	2017	Salvador	Universidade federal da Bahia	Saúde Coletiva	Dissertação
Tecnologia educacional sobre profilaxia pré-exposição para travestis e mulheres trans: produção baseada em evidências.	Lucília de fátima santana jardim	2021	Manaus	Universidade Federal do Amazonas	Enfermagem	Dissertação
Percepções sobre o uso da profilaxia pré-exposição ao hiv entre adolescentes homens que fazem sexo com homens, travestis e mulheres trans em três capitais do brasil	Suelen Ribeiro Seixas	2024	Salvador	Universidade do Estado da Bahia	Saúde Coletiva	Dissertação
Adesão e descontinuidade da profilaxia pré exposição ao hiv (prep) entre adolescentes homens que fazem sexo com homens, travestis e mulheres	Diana reyna zeballos rivas	2023	Salvador	Universidade Federal da Bahia	Saúde Coletiva	Dissertação



(hsh) e mulheres transexuais em risco de contrair hiv.				Chagas		
Aceitabilidade e início do uso da profilaxia pré-exposição ao hiv em populações-chave para epidemia de hiv/aids.	Fabiane soares gomes	2023	Salvador	Universidade Federal da Bahia	Saúde Coletiva	Tese
Fatores associados à não-aceitabilidade da PrEP entre travestis e mulheres transexuais na região nordeste do Brasil.	Fabiane soares gomes	2017	Salvador	Universidade federal da Bahia	Saúde Coletiva	Dissertação
Tecnologia educacional sobre profilaxia pré-exposição para travestis e mulheres trans: produção baseada em evidências.	Lucília de fátima santana jardim	2021	Manaus	Universidade Federal do Amazonas	Enfermagem	Dissertação
Percepções sobre o uso da profilaxia pré-exposição ao hiv entre adolescentes homens que fazem sexo com homens, travestis e mulheres trans em três capitais do brasil	Suelen Ribeiro Seixas	2024	Salvador	Universidade do Estado da Bahia	Saúde Coletiva	Dissertação
Adesão e descontinuidade da profilaxia pré-exposição ao hiv (prep) entre adolescentes homens que fazem sexo com homens, travestis e mulheres transexuais no brasil	Diana reyna zeballos rivas	2023	Salvador	Universidade Federal da Bahia	Saúde Coletiva	Dissertação
Pedagogia dos prazeres: apreendendo formas de compreender e modos de estar em prep no brasil	Felipe aurélio euzébio	2023	Salvador	Universidade Federal da Bahia	Antropologia	Dissertação
Pílulas diárias anti-HIV: a construção de uma narrativa antropológica sobre a Profilaxia pré-exposição para HIV.	Raquel Cardoso Oscar	2019	Rio de Janeiro	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Saúde coletiva	Tese
Segurança e eficácia da profilaxia pré-exposição (prep) ao hiv na perspectiva de usuários: uma abordagem a partir de fleck.	Andrey oliveira da cruz	2024	São Paulo	Universidade de São Paulo	Saúde Pública	Dissertação
Conhecimento, interesse, decisão	Brenda Regina de	2016	Rio de Janeiro	Instituto Nacional de	Infectologia	Tese



sobre o uso e adesão precoce à profilaxia pré-exposição (PrEP) entre homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres transexuais (Trans) participantes no estudo PrEP Brasil.	Siqueira Hoagland			Infectologia Evandro Chagas		
Nas fronteiras da AIDS - Experiências com a PrEP em Brasília, Manaus e Recife	Weriton Luis de Pontes	2022	Brasília	Universidade de Brasília	Antropologia	Dissertação
Prevenção em controvérsias: As disputas em torno da PrEP no Youtube	Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira	2022	Goiania	Universidade Federal de Goiás	Comunicação	Tese
(PrEP)arados: a construção técnico-científica da homossexualidade masculina a partir da implementação da profilaxia pré-exposição ao HIV no Brasil	Luiz Fernando Greiner Barp	2023	Florianópolis	Universidade Federal de Santa Catarina	Ciências Humanas	Tese